



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 12, Issue, 07, pp. 57474-57477, July, 2022
<https://doi.org/10.37118/ijdr.24894.07.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

MÚSICA – PRÁTICAS INTERPRETATIVAS: A IMPORTÂNCIA DA CRITICIDADE NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZADO NA EXECUÇÃO INSTRUMENTAL.

Alfeu Rodrigues de Araújo Filho (Prof. Dr.)

Professor Adjunto do Departamento de Música e Artes Cênicas (DMC), Membro do Grupo de Pesquisa: Problemas da Interpretação, Universidade Estadual de Maringá (PR)

ARTICLE INFO

Article History:

Received 05th April, 2022
Received in revised form
19th May, 2022
Accepted 28th June, 2022
Published online 28th July, 2022

Key Words:

Execução instrumental;
Indivíduo; Educação;
Questionamento.

*Corresponding author:

Dr. Alfeu Rodrigues de Araújo Filho

ABSTRACT

O presente artigo retrata sobre uma importante ferramenta no processo de ensino/aprendizado: criticidade. Levando em consideração que no terreno das práticas interpretativas, nos últimos anos, saímos do estágio empírico para as reflexões científicas através dos periódicos e congressos sobre performance musical, evidencia-se uma dificuldade comportamental na formação do indivíduo, a falta de criticidade, subtraindo resultados quanti-qualitativos na ação da execução instrumental e, conseqüentemente, enfraquecendo a trajetória de conquistas metodológicas e pedagógicas adquiridas. Um paralelo entre um dos maiores educadores brasileiros, Paulo Freire (1921-1997), importantes referências da execução instrumental, José Alberto Kaplan (1935-2009) e Scheila Glaser (s/d), assim como a visita ao passado para contribuir no presente através de filósofos em diálogo com a Escola de Frankfurt, parâmetro de indiscutível importância no estudo da dinâmica das mudanças sociais, mais reconhecido como teoria crítica, servirão de fundamentação teórica para a referida proposição, contribuindo para o avanço na área das práticas interpretativas.

Copyright © 2021, Alfeu Rodrigues de Araújo Filho. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Dr. Alfeu Rodrigues de Araújo Filho "Música – Práticas Interpretativas: a importância da criticidade no processo de ensino/aprendizado na execução instrumental.", *International Journal of Development Research*, 12, (07), 57474-57477.

INTRODUCTION

O foco desta perquirição não está em apresentar ou desenvolver metodologias de ensino/aprendizado sobre as práticas interpretativas, mas propor uma reflexão a cerca do desenvolvimento do indivíduo na conquista de uma atuação crítica que contribua e valide as reais conquistas dos processos pedagógicos desta área de atuação. Ao trazer como referências pianistas/pesquisadores como Kaplan e Glaser é para ratificar a trajetória de conquistas que a performance instrumental conquistou a partir da segunda metade do século XX, enfraquecendo a crença sobre o talento, o inatismo, propondo ações fundamentadas no exercício da percepção, exigindo do indivíduo uma participação ativa no processo de construção dos saberes subjetivos e objetivos que esta prática exige. Através de seus trabalhos "Teoria da Aprendizagem Pianística – Uma abordagem psicológica" e "O Ensino do Piano Erudito: O Olhar Rogeriano", Kaplan e Glaser, colaboraram, como tantos outros pesquisadores, na construção de um novo horizonte com reais valores humanistas. As expressões "abordagem psicológica" e "olhar", são palavras que merecem atenção e pontuam importantes mudanças no cenário das propostas pedagógicas do ensino instrumental. Ocorre que para obter resultados que validem o caminho ofertado pelos referidos autores e promovam mudança no processo de estudo, justificando o real motivo do aprendizado

baseado na mutação e na autonomia do indivíduo, configuramos a criticidade como carro chefe na união das propostas metodológicas e pedagógicas em conjunto com o grau de atuação de quem exerce os mecanismos. A Educação crítica, libertadora ou problematizadora, foi amplamente difundida por um dos maiores educadores nacionais: Paulo Freire. Em seu livro "Educação e Mudança", o autor promove reflexões a cerca do compromisso do profissional dentro do campo social, assim como a educação que promova alteração no indivíduo, evitando o estado de letargia que não projeta, não transforma, não almeja ser mais. Contudo, no campo das práticas interpretativas, além do histórico em relação às conquistas de investigação científica ser recente, o prejuízo de indivíduos despreparados para o campo de atuação perceptiva e crítica é uma realidade inquestionável, perturbadora e que exige reflexão, evitando a obtenção de fórmulas de estudos ineficientes, desprovidas de raciocínio para uma prática que, mesmo coletiva, parte dos saberes individual. Ninguém executa um instrumento por você! Aí reside um dos principais problemas quanto à falta de criticidade na área das práticas interpretativas: a resistência dos indivíduos em promover o desenvolvimento da ação perceptiva e a insistência na valorização do estudo quantitativo de repetição mecânica, deseducando os saberes dos fenômenos musicais e construindo um arsenal de problemas fisiológicos e motores provenientes da desatenção ao corpo, seu principal instrumento de

trabalho. Sim, temos conquistas reais na pedagogia de execução instrumental como Eutonia; Técnica de Alexander; Autorregulação; Prática Deliberada; entre outros importantes achados. Entretanto ainda nos deparamos nas diversas instituições de ensino como conservatórios, escolas de música e universidades com inúmeros estudantes que não conseguem desenvolver as pedagogias e metodologias ofertadas por falta de condução ativa para o desenvolvimento de suas responsabilidades individuais, emprego do raciocínio lógico e da ação de perceber e aplicar os processos dinâmicos através da prática diária, construindo a jornada do conhecimento e da autonomia através de uma participação ativa e, por tanto, crítica. Muitas vezes a fala acontece, o trabalho pedagógico é realizado, as leituras são ofertadas, porém a inconsistência persiste. O indivíduo, embotado pelo próprio percurso social, não consegue desenvolver com criticidade o trabalho semanal. Volta como se nunca estivesse presente e, ao invés de construir o ano, passa de ano com a mesma falta de percepção que iniciou seus estudos. Não é por falta de possibilidade e inteligência, mas pela mais absoluta ausência de sua presença. Possuir capacidades não significa estar apto para aplicá-las. Neste contexto é que entramos no terreno das particularidades do olhar crítico, questionador, libertador, evitando resultados baseados em fórmulas generalizadas e desconectados de sua experiência, desrespeitando a diversidade de respostas em função da natureza de cada indivíduo.

A formação do indivíduo crítico e reflexivo não será resolvida apenas com as novas propostas de metodologias ativas, uma vez que as limitações impostas a todos nós pela práxis social é uma realidade irrefutável. Neste contexto, valorizando a soma de várias áreas de conhecimento como música, educação e filosofia, utilizaremos importantes contribuições de pensadores e intérpretes da sociedade humana concatenados com teóricos da Escola de Frankfurt, mais especificamente Walter Benjamin (1892-1940), Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973). Vale frisar que considerações apontadas no passado são absolutamente verdadeiras na sociedade contemporânea e confirmam a importância na construção da criticidade como processo de desenvolvimento humano.

O indivíduo parece hoje menos individual que nunca, a sua vida íntima nunca foi tão pública, a sua vida sexual nunca foi tão codificada, a sua liberdade de expressão nunca foi tão inaudível e tão sujeita a critérios de correção política, a sua liberdade de escolha nunca foi tão derivada das escolhas feitas por outros antes dele (SANTOS, 1995, p.22).

A criticidade – questionamentos e reflexões: a educação como processo de desenvolvimento humano. É fato que o indivíduo se forma e se transforma no processo educacional e nas relações sociais. Na história da vida prática dos homens os traços, os caracteres físicos e psíquicos retratam o aspecto social e individual, objetivo e subjetivo, atrelado na forma como a sociedade se organiza. Não há como desenvolver a criticidade sem antes construir, esclarecer e focar o protagonista desta ação: o discente. Ao “olhar” o discente através de uma “abordagem psicológica”, detectamos uma importante mutação educacional e social a partir do início do século XX, abrindo espaço para a valorização do indivíduo em detrimento dos alicerces construídos pela educação bancária, aquela que deposita o arsenal conteudista na conta do aluno sem perspectiva de reflexão, questionamento e aplicabilidade, eliminando a criticidade, criatividade e o desenvolvimento real de seu processo de formação (Freire, 2011). Entretanto, mutação e alterações de paradigmas são, com certeza, um dos grandes obstáculos da natureza humana uma vez que, na maioria das vezes, no corpo social o indivíduo é mero cumpridor de deveres, o como e o quando desempenhar-se é definido conforme conveniências.

A identidade individual é quebrada, o indivíduo se instala na deriva, e no narcisismo se firma. (...) O individualismo triunfante, porém desestruturado, que o Ocidente exhibe no final do século XX, nada tem em comum com o individualismo de responsabilidade, a recusa aos conformismos de grupo, a vontade

de emancipação pessoal que foram desde o século XVIII a pedra de toque da construção da democracia ocidental. O indivíduo como sujeito ativo da sociedade política e civil cede lugar ao indivíduo objeto, ao ‘homem reflexo’ passivamente integrado à máquina social e respeitadamente preso aos valores dela (CHESNEAUX, 1996, p.51).

A importância sobre o conhecimento da realidade social não é para construir uma visão pessimista no processo de ensino/aprendizado, mas, o contrário. Temos ciência de que o indivíduo, em sua integralidade, é fruto do contexto social e educacional, desperta no docente a possibilidade de construir um processo de comunicação capaz de desenvolver a capacidade crítica do protagonista, assumindo as responsabilidades de cunho individual e contribuindo na aplicabilidade das novas metodologias, dividindo responsabilidades na dupla professor/aluno.

O processo de ensino-aprendizagem proposto por Rogers entende a aprendizagem como uma fonte de crescimento pessoal que deve contribuir para que o indivíduo adquira cada vez mais consciência de si próprio, e o professor como facilitador da aprendizagem, que coloca como foco principal o aluno e não o conteúdo (GLASER, 2011, p.64).

Na contribuição desta reflexão, vale ressaltar o comportamento dos inúmeros estudantes imposto pela práxis educacional: estudante objeto. O discente está mais preocupado com a nota e os inúmeros trabalhos que irá entregar do que com o quanto aprendeu, despertou interesses e consegue transportá-los para outras áreas de sua vida social, concretizando os saberes, despertando novas relações e, de fato, validando a proposta da educação como processo de desenvolvimento humano e, conseqüentemente, de mudança social.

Enquanto os “grandes debates”, os “seminários revolucionários” permanecerem dentro da escola, cada vez mais isolada dos problemas reais e longe das decisões políticas, não existirá uma educação libertadora (FREIRE, 2011, p.11).

A contribuição de Kaplan, nas ações das práticas interpretativas, corroborou para enriquecer a trajetória de reflexões que fogem dos diversos métodos de estudos sobre a execução instrumental fundamentados em propostas que quantificam e generalizam as ações, desprovidas de criticidade e do porque e como realizar, subtraindo, de forma alarmante, o comportamento crítico de instrumentistas e professores. O autor elenca importantes fatores que favorecem a prática instrumental qualitativa através do conhecimento sobre a relação do sistema nervoso central e a psicomotricidade; o estudo e aquisição do movimento voluntário; o importante desenvolvimento da educação auditiva; a aplicabilidade da atividade cognitiva, substituindo a ação quantitativa pela qualitativa, sendo este um dos maiores problemas nas práticas interpretativas; a prática de memorização realizada através das relações analíticas em detrimento do excessivo número de repetições; a transferência de aprendizagem, concretizando a autonomia e a criticidade no processo de ensino e aprendizado, enfatizando que “o homem não é um ser especializado, e, portanto não há um comportamento que não seja capaz de adquirir, devidamente orientado” (KAPLAN, 1987, p.12). Em congruência com Glaser, as ações pedagógicas que permitem o desenvolvimento da criticidade ocorrem através da abertura entre docente e discente em um contínuo diálogo construído através da harmonia e postura reflexiva, facilitando a abertura psicológica para novas descobertas e experiências, para a renovação de conceitos, para a aceitação das suas próprias peculiaridades e para a aceitação do outros, cada qual com suas diferenças, portanto de caráter individual, fruto do trabalho coletivo: “a vivência de experiências sentidas como não ameaçadoras amplia o repertório interno do indivíduo e gera mudanças capazes de aumentar seu campo perceptivo” (GLASER, 2011, p.71). No sentido educacional, entende-se como enriquecimento tudo aquilo que favorece o desenvolvimento integral do indivíduo através do conhecimento adquirido na busca constante de ser mais, ou seja, na busca permanente de si mesmo. É inegável que os avanços tecnológicos e científicos ocorridos nos Séculos XX/XXI trouxeram

grande conforto e bem estar à vida humana. Entretanto, não se pode deixar de considerar os níveis de regressão social que essa forma de organização produziu na desfiguração do indivíduo, tomando-o como objeto e não como sujeito da engrenagem, contribuindo no parasitismo e na dificuldade de operar, de forma crítica, a construção dos saberes, ou seja, a educação crítica.

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela (FREIRE, 2011, p.34).

Seria ingênuo e incongruente não reconhecer as conquistas tecnológicas e as mais diversas formas de metodologias que todas as áreas de conhecimento, ao longo do tempo, ofertaram para a vida humana. O questionamento, nem de perto, deixa de reconhecer esta importância, mesmo porque este é o resultado esperado e almejado pela comunidade científica e a sociedade como um todo. Entretanto, há inúmeras reflexões a cerca de “como” este arsenal é utilizado no sentido de contribuir para uma educação que promova realmente o desenvolvimento humano e não a sua regressão. Neste contexto, salientamos alguns questionamentos:

- É possível refletir e reter sobre os mais diversos campos de conhecimento ofertados na velocidade dos novos meios de comunicação?
- Como isto impacta no corpo social sendo o estresse a doença do século?
- Qual o foco de atenção dos docentes e discentes quando estão conectados vinte e quatro horas por dia nas redes sociais, inclusive durante as próprias ações pedagógicas?
- Como lidar com a possibilidade de colagem e a impossibilidade das descobertas no campo da ciência e da pesquisa?
- A construção dos saberes, através do exercício da leitura, respeito ao tempo e paciência para absorver e refletir sobre um determinado assunto, em contratempo com a vida contemporânea baseada na diversidade de ações e no imediatismo?

A validade destas indagações tem o objetivo de questionar se o indivíduo, neste contexto, não é colocado à margem do que ele produz, do conhecimento necessário ao processo produtivo, do controle desse mesmo processo, bem como do que dele resulta. Se o propósito está em promover uma educação crítica e reflexiva e estas conquistas estão consumadas de forma irreversível, talvez, o melhor caminho seja conciliar a utilização das diversas ferramentas da sociedade contemporânea através da consciência crítica, evitando a padronização do comportamento das relações humanas, minando as particularidades do indivíduo e, conseqüentemente, construindo inúmeros obstáculos no processo de ensino/aprendizado.

Práticas interpretativas: o campo perceptivo (artesanal) X o imediatismo (fetichismo). Dentre os inúmeros saberes que compõe o universo da execução instrumental, chamamos atenção de necessidades reais que caminham na contramão da vida contemporânea: a ação individual e o processo em longo prazo. A primeira reforça o campo das percepções dos instrumentistas, uma vez que os fenômenos musicais não são objetivos e nasce da experimentação diária sob o prisma individual. A segunda, o investimento em longo prazo, fruto do desenvolvimento de habilidades psicomotoras do mais alto grau de refinamento, construindo o arsenal de recursos artesanais para a conseqüente produção artística.

No quadro abaixo, tecemos algumas analogias entre educação crítica e padronização de comportamento (não reflexivo):

Quadro 1. Analogia – A autoria do Pesquisador

	Educação Crítica	Padronização de Comportamento
Comportamento	REFLEXIVO	SISTEMÁTICO
Fundamento	ARTESANAL	REPRODUÇÃO
Interesse	PERCURSO	TRABALHO FINAL
Integração	ASSOCIAÇÃO	DESINTEGRAÇÃO
Conteúdo	COMUNICAÇÃO	ALIENAÇÃO
Ênfase	UNICIDADE (INDIVIDUAL)	PADRÃO (GENERALIZAÇÃO)
Indivíduo	VALORIZADO	SUBTRAÍDO
Resultado	LIBERDADE	DEPENDÊNCIA

Através da analogia, apresentada no quadro 1, a compreensão do constructo a cerca da diversidade de acontecimentos, ratifica um diferencial comportamental na esfera das práticas interpretativas iniciada através do comportamento reflexivo, ativando a ação artesanal.

O olhar de artesão valoriza o processo, o percurso, tudo aquilo que ocorreu durante a construção do arsenal de conhecimentos sobre a área em questão, permitindo a associação dos achados, contribuindo no processo de comunicação através do viés particular, valorizando o indivíduo e, conseqüentemente, sua liberdade. A liberdade aqui representa a conquista do conhecimento e a capacidade de transferência dos recursos para vencer novos obstáculos, ofertando autonomia e independência. Tal conquista é retroalimentada pela curiosidade, ampliando a criatividade agora fundamentada pela luz da crítica de quem faz.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2011, p.33).

Em contrapartida, há elementos da vida social que interferem no desenvolvimento ou inibição deste senso de percepção, afetando positivamente ou negativamente todos os itens elencados acima. Vale refletir sobre quando estes aparatos técnicos, representados pelos diversos meios de comunicação, são instrumentos didáticos, contribuindo para a emancipação humana ou como aparato ideológico para o imediatismo, subtraindo e controlando o indivíduo. Theodor Adorno (1903-1969), em seu artigo “O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição” adverte que os meios de comunicação representavam um perigo para a possibilidade de agentes sociais íntegros e autônomos, provocando alienação cultural e, conseqüentemente, regressão da audição. Entendemos que a extensão do termo “regressão da audição” incorpora a subtração da criticidade em avaliar o que o aparato oferece e, mesmo que isto tenha ocorrido na primeira metade do século XX, continua absolutamente contemporâneo. Neste contexto, a função da cultura e educação, no seu sentido mais essencial e profundo, enquanto princípio civilizatório desloca-se em processos de dimensões estéticas e/ou culturais esvaziados desse sentido. Altera substancialmente a percepção do indivíduo, desvinculando-se do valor intrínseco do que é ofertado, escutado e transmitido. O círculo vicioso, construído pelos meios de comunicação, orienta o indivíduo para um processo de alienação, fetichista, onde:

... os próprios clássicos comumente aceitos são submetidos a uma seleção que nada tem a ver com a qualidade. (...) Esta seleção perpetua-se e termina num círculo vicioso fatal: o mais conhecido é o mais famoso, e tem mais sucesso. Conseqüentemente é gravado e ouvido sempre mais, e com isto se torna cada vez mais conhecido (ADORNO, 1975, p.173).

Ingenuidade deixar de visitar o passado para contribuir no presente. As considerações realizadas pelo filósofo são diariamente vividas pelo corpo social do mundo contemporâneo, porém, a única forma de não permitir que isto interfira no processo de desenvolvimento

perceptivo é exatamente aguçar os propósitos da crítica, do olhar, da atenção, da reflexão. Construções e desconstruções ocorrem a todo o momento e este é o processo dinâmico de uma sociedade, da educação e da cultura. Tais apontamentos não estão direcionados para dizer que a cultura de massa e a alta arte devam ser colocadas em um plano de hierarquia ou valores. Salientamos que a problemática reside na falta de criticidade, mesmo porque no momento atual, onde a globalização se torna cada vez mais ampla, homogeneizando e, ao mesmo tempo, tentando construir um processo social que permita as diferenças, o individual dentro do coletivo, é quase impossível pensar em algo totalmente puro, que não seja híbrido, que não tenha se misturado ou sofrido influências de algum lugar e algum tempo.

As fronteiras entre a alta arte e a cultura de massa se tornaram cada vez mais fluidas, e devemos começar a ver este processo como uma oportunidade, ao invés de lamentar a perda de qualidade e a falta de ousadia. Há muitas tentativas bem sucedidas feitas por vários artistas de incorporar formas de cultura de massa em seus trabalhos, e certos segmentos da cultura de massa têm cada vez mais adotado estratégias vindas da alta arte (HUYSSSEN, 1997, p.11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área das práticas interpretativas é a mais jovem no cenário científico da comunidade acadêmica. Talvez porque ela representa a construção do fazer artístico fomentado, por muitos anos, na valorização do talento e não do indivíduo, assim como nos processos pedagógicos e metodológicos derivados das ações conservatoriais, generalizadas, termo que configura a influência das escolas europeias. Mais especificamente nos últimos 30 anos, através dos Cursos de Mestrado e Doutorado e na formação do quadro de docentes destinados ao exercício da pesquisa, as conquistas representam uma realidade. Entretanto as investigações da referida área ainda reside no campo da análise interpretativa, dos métodos de técnica instrumental, das metodologias de ensino e aprendizado, das relações estéticas com os períodos históricos e, embora todas as reflexões sejam importantes, há uma lacuna quanto ao olhar sobre o indivíduo e a criticidade como ferramenta vital para que todos estes recursos possam construir alterações no estudo, na qualidade de execução instrumental, no processo de ensino/aprendizagem, na formação do indivíduo e sua atuação ativa no corpo social. O diálogo entre música, educação e filosofia, através dos autores citados, tramitam no terreno da multidisciplinaridade com o objetivo de somar conteúdos e percepções sobre o protagonista de todo o processo: o indivíduo. Seja discente ou docente, o olhar atento, a mutação, a investigação, a abertura ao mundo enriquecerá o exercício e aplicabilidade de todos estes achados, não como uma resposta final, mas como mais uma proposição que amplia o processo de comunicação e compreensão através da criticidade.

Ressaltamos que os avanços técnicos são fundamentais para o desenvolvimento cultural, econômico e educacional, portanto é uma engenharia que interfere em todo este processo. Entretanto, a inconsciência, acobertada pela falsa consciência, pelo fetiche, contribui para o enfraquecimento do olhar crítico. A proposta é buscar e construir intervenções que possam reconciliar o homem consigo mesmo, utilizando a educação e a cultura como manifestação de si. Além do mais, é fato que a engenharia tecnológica e de comunicação estão consumadas de forma irreversível. Na ótica de Umberto Eco em sua provocação intitulada “Apocalípticos e Integrados”, que funciona como uma crítica aos críticos, vivemos submersos no universo dos meios de comunicação em tal profundidade que até mesmo para a crítica não há como escapar deles.

O universo das comunicações de massa é o nosso universo (...). Ninguém foge a essas condições, nem mesmo o virtuoso, que, indignado com a natureza inumana desse universo da informação, transmite o seu protesto, através dos canais de comunicação de massa, pelas colunas do grande diário, ou nas páginas do volume em paperback, impresso em linotipo e difundido nos quiosques das estações (ECO, 1993, p.11).

Dessa forma, a investigação ratifica a ferramenta da criticidade como importante recurso para o desenvolvimento de todas as áreas de conhecimento, entretanto, aqui, as relações apontadas foram diretamente ofertadas para a ação do ensino/aprendizado das práticas interpretativas, com foco no indivíduo e seu processo de formação e atuação.

REFERÊNCIAS

- “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, Ed.: Paz e Terra, São Paulo
- Adorno, Theodor 1975. “O Fetichismo na música e a regressão da audição”. In: Os pensadores. Ed. Abril, São Paulo.
- Chesneaux, Jean 1996. “Modernidade – Mundo”, Vozes, Petrópolis.
- Eco, Umberto 1993. “Apocalípticos e integrados. Ed.: Perspectiva, São Paulo.
- Freire, Paulo 2011. “Educação e Mudança,” 34 ed., Trad.: Lilian Lopes Martin, Ed.: Paz e Terra, São Paulo.
- Glaser, Scheilla 2011. “ O ensino de piano erudito: um olhar rogeriano”, 1ª ed, Ed.: Biblioteca24horas, Seven System International Ltda, São Paulo.
- Huyssen, Andreas 1997. “Memórias do Modernismo”. Ed. UFRJ, Rio de Janeiro.
- Kaplan, José Alberto 1987. “Teoria da Aprendizagem Pianística: uma abordagem psicológica, Editora Movimento, Porto Alegre.
- Santos, Boaventura de Souza (1995) “Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. Afrontamento, Porto.
